

WILLIAM  
SHAKESPEARE

Júlio César

*Tradução e notas de*  
JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

*Prefácio de*  
HAROLD BLOOM



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Penguin-Companhia das Letras

Copyright do prefácio © 1998 by Harold Bloom. Publicado mediante acordo com a Riverhead Books, selo da Penguin Putnam Inc. Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with  
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Julius Cæsar

PREPARAÇÃO

Ana Cecília Agua de Melo

REVISÃO

Huendel Viana

Angela das Neves

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Shakespeare, William, 1564-1616.

Júlio César / William Shakespeare; tradução e notas de José Francisco Botelho; prefácio de Harold Bloom. — 1ª ed.  
— São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

Título original: Julius Cæsar

ISBN 978-85-8285-065-7

1. Teatro inglês 1. Botelho, José Francisco. II. Bloom, Harold. III. Título.

---

17-08372

CDD-822.33

Índice para catálogo sistemático:  
1. Teatro: Literatura inglesa 822.33

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## Sumário

Prefácio — Harold Bloom	7
Palavra do tradutor	25
A TRAGÉDIA DE JÚLIO CÉSAR	39
<i>Notas</i>	147

# A tragédia de Júlio César

# Personagens

Júlio CÉSAR

CALPÚRNIA, sua mulher

Marco BRUTO

Caio CÁSSIO

CASCA

TREBÔNIO

DÉCIO Bruto

METELO Címber

CINA

Caio LIGÁRIO

conspiradores contra César

OTÁVIO César

Marco ANTÔNIO

LÉPIDO

triúnviros após a morte de César

CÍCERO

PÚBLIO

POPÍLIO Lena

Senadores

FLÁVIO

MARULO

tribunos do povo

LUCÍLIO  
MESSALA  
Jovem CATÃO  
VOLÚMNIO  
TITÍNIO  
VARRÃO  
CLITO  
CLÁUDIO  
DARDÂNIO  
Flávio  
Labeu

seguidores de Bruto e Cássio

PÓRCIA, esposa de Marco Bruto

ARTEMIDORO

CINA, o poeta

PÍNDARO, um servo de Cássio

LÚCIO

ESTRATO

servos de Bruto

VIDENTE

POETA

SAPATEIRO

CARPINTEIRO

Um SERVO de César

Um SERVO de Antônio

Um SERVO de Otávio

O FANTASMA de César

MENSAGEIRO

SOLDADOS

PLEBEUS

Senadores

Criados e outros

# Ato I

## CENA I

*Flávio, Marulo e alguns Plebeus entram no palco.*

FLÁVIO Voltem pra casa, ociosas criaturas!

Pensam que hoje é feriado? Ou esqueceram

Que é vedado aos obreiros e artesãos

Andar na rua, em dias de semana,

Sem a insignia e o sinal do seu ofício?

5 Tu, por exemplo — qual tua profissão?

CARPINTEIRO Bem, senhor, sou carpinteiro.

MARULO E onde está o avental de couro? E a régua?

10 Por que essa roupa, toda endomingada?

E tu, qual teu ofício?

SAPATEIRO Pra dizer a verdade, doutor, se for pra me com-

parar com um trabalhador de primeira, então eu sou,

vamos dizer assim, um remendão.

MARULO Mas qual o teu ofício? Sem rodeios!

15 SAPATEIRO Olha, patrão, é um ofício que eu gosto de praticar sem buracos na consciência; e se o senhor insiste em

saber, a verdade é esta: eu corrijo os furos dos outros.

FLÁVIO Como assim, descarado, espertalhão?

Responde já, vilão, qual teu ofício?

20 SAPATEIRO Calma, patrão, não bata os pés de raiva; ou eu

mesmo corrijo as suas fúrias.

MARULO Como assim, me corrige, sem-vergonha?

SAPATEIRO Senhor, corrijo os furos — dos sapatos.

FLÁVIO Bom homem — o senhor é sapateiro?

25 SAPATEIRO Isso mesmo, patrão; só na sovela, eu ganho a vida.

Não me meto em negócios, não me meto em mulheres;  
tudo o que eu meto é a sovela. Sim, senhor: sou um cirurgião de sapatos velhos; quando correm risco de vida,  
eu os resgato. Os homens mais finos desta cidade andam  
30 por aí com minhas obras-primas na sola dos pés.

FLÁVIO Mas por que não está em sua loja?

Por que guia esses homens pela rua?

SAPATEIRO Ora, ora, senhor, quero fazer essa gente toda  
gastar os sapatos; assim, tenho mais trabalho e ganho  
mais dinheiro. Mas, falando sério, senhor, nos demos  
35 uma folga, para ver César e comemorar seu triunfo.

MARULO Comemorar por quê? Quais são as suas conquistas?

Que tributários o seguiram à Cidade,  
Adornando, em grilhões, as rodas de seu carro?

40 Ó blocos, pedras, mais brutais que as coisas brutas!  
Ó pétreos corações, crueis homens de Roma!

Esqueceram Pompeu? Inumeráveis vezes  
Escalaram muralhas, ameias, terraços,  
Janelas, torres, sim, e chaminés pontudas,

45 Com seus filhos nos braços e, assim, todo o dia,  
Com paciente expectativa ali aguardaram

Para avistar Pompeu, o Grande, pelas ruas:  
E mal vendo surgir ao longe o grande carro,

Não soltaram, acaso, um grito universal

50 Fazendo o Tibre estremecer entre as barrancas  
Ao escutar o replicar de tantas vozes

Entre as côncavas margens retumbantes?

E agora vocês põem suas roupas mais bonitas?  
E podam a semana e colhem um feriado?

E vêm atapetar com flores o caminho  
De quem triunfa sobre o sangue de Pompeu?

Fora daqui!

Voltem pra casa agora e caiam sobre os joelhos,  
Rogando aos deuses que suspendam o castigo

60        Que há de tombar sobre tamanha ingratidão.  
 FLÁVIO Vão, vão, bons cidadãos, para purgar a falta,  
           Juntem os outros homens pobres de sua classe,  
           Levem todos ao Tibre e vertam lá suas lágrimas,  
           Até que as águas, mesmo em seu mais baixo nível,  
 65        Venham beijar as altas margens exaltadas.

*Saem todos os Plebeus.*

Olha: mesmo os de têmpera mais vil  
 Se afastam, mudos de remorso e culpa.  
 Vai por ali, agora, ao Capitólio;  
 Eu irei por aqui. Despe as imagens  
 70        Se as achares cobertas de atavios.  
 MARULO Podemos fazer isso?  
 Hoje é dia das Festas Lupercais.  
 FLÁVIO Não importa. Não deixes nenhum ícone  
           Engalanado com troféus de César.  
 75        Vou pelas ruas, clareando a turba;  
           Faz o mesmo; não deixes que se juntem.  
           Arranquemos as plumas do falcão  
           Pra fazê-lo voar perto do solo;  
           Ou César tentará subir aos céus,  
 80        Além do alcance e da visão humana,  
           Cobrindo-nos de sombra e servidão.

*Saem.*

## Ato I

### CENA II

*Entram César; Antônio, despido para a corrida; Calpúrnia, Pórcia, Décio, Cícero, Bruto, Cássio, Casca, um Vidente e uma grande multidão; atrás, vêm Marulo e Flávio.*

CÉSAR Calpúrnia!

CASCA Quietos! César fala!

CÉSAR Vem, Calpúrnia.

CALPÚRNIA Estou aqui, senhor.

CÉSAR No caminho de Antônio, aguardarás de pé,  
Enquanto ele percorre o seu trajeto. Antônio!

5 ANTÔNIO Sim, meu senhor?

CÉSAR Em tua veloz carreira, não te esqueças  
De tocar em Calpúrnia. Os sábios dizem  
Que, ao ser tocado, na corrida santa,  
Todo ventre infecundo se liberta  
10 Da maldição estéril.

ANTÔNIO Lembrarei.

Tudo o que César diz será cumprido.

CÉSAR Comecem; não esqueçam nenhum rito.

VIDENTE César!

CÉSAR Quem me chama?

15 CASCA Mandem calar-se todos. Em silêncio!

CÉSAR Quem me chamou agora em meio à multidão?  
Ouço uma voz gritar, mais alta que as fanfarras:  
“César!”. Bem: César se virou para escutar.

VIDENTE Teme os Idos de março.

CÉSAR Este homem, quem é?

20 BRUTO Um vidente, que diz: teme os Idos de março.

CÉSAR Tragam-me este vidente. Eu quero ver seu rosto.

CÁSSIO Um passo à frente, amigo, e vem falar com César.

CÉSAR Repete o que disseste há pouco. Fala, agora.

VIDENTE Teme os Idos de março.

25 CÉSAR Ele é um sonhador. Vamos em frente. Sigam.

*Toque de clarim. Saem.*

*Ficam Bruto e Cássio.*

CÁSSIO Amigo Bruto, vamos ver os jogos?

BRUTO Eu não.

CÁSSIO Insisto, vamos.

BRUTO Não sou chegado em jogos. Falta em mim

30 Algo da alma ligeira que há em Antônio.

Não quero atrapalhar teus planos, Cássio.

Vou te deixar a sós.

CÁSSIO Tenho observado, ultimamente, Bruto,

Que em teus olhos sumiu a gentileza

35 E aquele afeto com que me brindavas;

Vens tratando com rédea curta e estranha

O amigo que te estima tanto.

BRUTO Cássio,

Não te enganes: se velo o meu semblante,

É porque volto o cenho conturbado

40 Para dentro de mim. Ando inquieto

Com sentimentos díspares, discórdias,

E ideias peculiares a mim mesmo

Que maculam, talvez, minhas maneiras;

Mas que isso não perturbe meus amigos

45 — Entre os quais, Cássio, eu sempre te incluí;

E não pensem que minha negligência

Seja algo além disto: o pobre Bruto

Está em guerra total consigo mesmo

E esquece de mostrar os seus afetos.

50 CÁSSIO Eu me enganei, então, completamente  
Ao tentar decifrar o teu humor;  
E, por isso, o meu peito soterrou  
Altas cogitações, vastas ideias.  
Diz, podes ver meu rosto, amigo Bruto?

55 BRUTO Não — pois o olhar jamais vê a si mesmo,  
Exceto por reflexo, em outros seres.

CÁSSIO De fato:

E muita gente se lamenta, Bruto,  
Por não teres espelhos que revelem  
60 Aos teus olhos o teu valor oculto,  
Para que enxergues tua própria imagem.  
Ouvi, entre os romanos mais ilustres  
— Sem contar nosso César imortal —,  
Muitos gemidos contra a tirania  
65 De nosso tempo, e sussurrados votos  
De que Bruto reganhe sua visão.

BRUTO A que mar de perigos me conduzes  
Pedindo que vasculhe a própria alma  
Buscando o que lá dentro não se encontra?

70 CÁSSIO Por isso, Bruto, escuta o que eu te falo.  
Como dizes, não podes ver meu rosto  
Exceto por reflexo, e eu, meu espelho,  
Agora vou mostrar-te, sem excesso,  
Uma parte de ti que desconheces.

75 Não suspeites de mim, meu caro Bruto;  
Se eu fosse algum bufão de riso fácil,  
Acostumado a abratar o afeto,  
Com juras simuladas e vulgares,  
Fazendo um novo amigo todo dia;  
80 Se adulo os homens e os abraço forte  
Pra logo difamá-los; se me ouviste  
Declarar amizade à multidão  
No meio de um festim — então, de fato,  
Pensa em mim como um homem perigoso.

*Fanfarras e gritos.*

- 85    BRUTO Mas que gritos são esses? Eu receio  
       Que o povo escolha César como rei.  
 CÁSSIO Receias? Devo concluir, então,  
       Que não te agrade vê-lo coroado.  
 BRUTO Não me agrada; e, assim mesmo, eu o amo muito.  
 90    Mas por que me deténs por tanto tempo?  
       O que desejas me dizer, enfim?  
       Se acaso é algo em prol do bem comum,  
       Põe frente a um olho a honra; e noutro, a morte,  
       E hei de olhá-las de forma indiferente;  
 95    Pois os deuses me ajudem na medida  
       Em que amo a honra mais que temo a morte.  
 CÁSSIO Eu sei que essa virtude existe em ti:  
       Eu vejo-a, como as linhas do teu rosto.  
       Bem, honra hoje é o assunto de meu conto.  
 100    Não sei o que tu pensas desta vida,  
       Nem peço a opinião da raça humana;  
       Mas eu, por mim, prefiro não ser nada,  
       A ser, viver e estremecer à sombra  
       De alguma criatura igual a mim.  
 105    Tu e eu nascemos livres, como César,  
       Os mesmos alimentos nos nutriram,  
       E o frio do inverno a todos nos afeta.  
       Pois, certa vez, num dia tormentoso,  
       Em que o Tibre feroz golpeava as margens  
 110    César me disse: “Cássio, tens coragem  
       De comigo pular nas águas bravas  
       E até ali nadar?”. No mesmo instante  
       Com roupa e tudo eu me atirei nas águas  
       E o chamei, e ele veio atrás de mim.  
 115    A corrente rugia e nós lutávamos  
       Com braço forte golpeando as ondas,  
       Dois corações rivais rasgando o rio.  
       Mas, antes de chegar ao fim proposto,

César gritou: “Ajuda! Ou eu me afogo!”.

E, como Eneias, nosso antepassado,  
Entre as chamas de Troia, sobre o ombro  
Portou o velho Anquises, eu salvei

Do proceloso Tibre o exausto César.

E ele agora é um deus, e o pobre Cássio

É um ser abjeto e deve se curvar

Sempre que César faz um mero aceno.

Na Espanha, um dia, a febre o acometeu

E, durante um acesso, eu percebi

Que ele tremia; sim, o deus tremia;

No lábio frouxo, as cores debandaram,

E o olho cujo brilho assusta o mundo

Estava opaco; ouvi que ele gemia;

Sim, a língua que ordena que os romanos

Registrem seus discursos por escrito

Gritou: “Titínio, ajuda! Eu quero água!”.

Com voz de moça enferma. Ah, pelos deuses,

Como pode esse homem morno e débil

Ultrapassar o majestoso mundo

E erguer sozinho a palma da vitória?

*Gritos. Fanfarras.*

BRUTO Mais uma aclamação geral? Eu temo

Que esses aplausos todos anunciem

Novas honras lançadas sobre César.

CÁSSIO Ah, ele calca aos pés o mundo estreito

Como um Colosso, enquanto nós, homúnculos,

Andamos entre as pernas do gigante,

Em busca de um sepulcro desonroso.

Os homens regem seu destino às vezes;

A culpa não está em nossos astros,

Por sermos serviçais, mas em nós mesmos.

César e Bruto. O que há no nome César?

Por que esse nome é superior ao teu?

Escreve: o teu é igualmente belo.  
 Ou lê: o teu também se afeita à fala.  
 Sopesa-os: ambos têm o mesmo peso.  
 155 Recita-os em alguma invocação:  
 Bruto erguerá fantasmas, como César.  
 Ah, por todos os deuses do universo,  
 Que alimento nutriu o nosso César  
 Para se agigantar dessa maneira?  
 160 Envergonha-te, Idade em que vivemos!  
 Perdeste, Roma, o sangue e a raça altiva!  
 Desde o Dilúvio, acaso viu-se um tempo  
 Ornado por não mais que um grande homem?  
 Até hoje, quem pôde acusar Roma  
 165 De conter um só homem nos seus muros?  
 Mas na espaçosa Roma falta espaço,  
 Pois nela ronda e reina apenas um.  
 Ouvimos nossos pais falar que outrora  
 Houve outro Bruto e que ele preferia  
 170 Ver o diabo eterno e sua corte  
 Instalados em Roma, em vez de um rei.  
**BRUTO** Da tua estima eu nunca duvidei  
 E a ação a que me impeles já vislumbro.  
 O que penso do assunto e destes tempos,  
 175 Vou te dizer depois. Neste momento  
 Não quero — e isso te rogo com afeto —  
 Novas incitações. O que disseste  
 Vou ponderar, e ao que depois for dito  
 Atentarei, achando o tempo certo  
 180 Ao trato desses temas grandiosos.  
 Por ora, nobre amigo, pensa nisto:  
 Bruto prefere ser um camponês  
 A declarar-se filho da Cidade  
 Nas duras condições a que estes tempos  
 185 Parecem inclinados a lançar-nos.  
**CÁSSIO** Fico feliz ao ver que despertei,  
 Com minha débil voz, fogo tão grande.

*Entram César e seu séquito.*

BRUTO A corrida acabou, César retorna.

CÁSSIO Lá vem Casca, também; puxa-o da manga;

190 Ele dirá, com seu humor azedo,  
O que houver ocorrido de importante.

BRUTO Farei isso. Mas olha agora, Cássio:

A faísca da raiva fulge em César,  
E o cortejo vem tenso e reprimido.

195 Calpúrnia está sem cor, e lá vai Cícero  
Com os olhos vermelhos e incendiados  
Como o vemos no Capitólio às vezes  
Quando alguém num debate o contrariou.

CÁSSIO Casca vai nos dizer o que ocorreu.

200 CÉSAR Antônio!

ANTÔNIO César?

CÉSAR Eu quero me cercar somente de homens gordos,  
Que dormem toda a noite e têm cabelo untuoso;  
Mas esse Cássio tem um ar faminto e esquálido.

205 Pensa demais: homens assim são perigosos.

ANTÔNIO Não há perigo, César. Não o temas.

Ele é um romano nobre e bem-disposto.

210 CÉSAR Melhor se fosse gordo! Não o temo,  
Mas se o meu nome conhecesse o medo,  
Evitaria, mais que a qualquer homem,  
Esse minguado Cássio. Ele lê muito;  
É grande observador; e enxerga o espírito  
Por trás da ação. Não gosta de teatro,  
Ao contrário de ti; não ouve música;  
Raramente sorri e quando o faz,

215 Parece estar zombando de si mesmo  
Por ter descido ao nível de um sorriso.  
Homens assim jamais ficam em paz  
Enquanto houver alguém maior que eles;  
E por isso são muito perigosos.

Só te explico o que pode ser temido,

Mas nada temo: sempre serei César.  
 Agora, vem aqui, ao pé do ouvido  
 — À direita; sou surdo do outro lado —  
 225 E me diz o que pensas desse homem.

*Toque de clarim. Saem César e o séquito.*

CASCA Puxaste minha manga; o que desejas?  
 BRUTO Casca, conta o que houve agora há pouco.  
 O que perturba César?  
 CASCA Ora, estavas com ele, não estavas?  
 230 BRUTO Não faria perguntas, se estivesse.  
 CASCA Pois bem, alguém lhe ofereceu uma coroa: e, quando  
 a ofereceram, ele a repeliu com as costas da mão, assim;  
 e então todo o povo começou a gritar.  
 BRUTO E o segundo barulho, o que foi?  
 235 CASCA Ora, a mesma coisa.  
 CÁSSIO Eles gritaram três vezes: por que soltaram o terceiro  
 grito?  
 CASCA Ora, a mesma coisa.  
 BRUTO Ofereceram três vezes a coroa?  
 240 CASCA Isso mesmo, e ele a recusou três vezes, cada vez mais  
 relutante, e a cada recusa meus honestos vizinhos co-  
 meçavam a gritar de novo.  
 CÁSSIO Quem lhe ofereceu a coroa?  
 CASCA Ora, Marco Antônio.  
 245 BRUTO Conta tudo em detalhe, amigo Casca.  
 CASCA Prefiro ser enforcado a contar tudo em detalhe: foi  
 uma palhaçada e nada mais; eu me recusei a prestar  
 atenção. Vi Marco Antônio oferecendo uma coroa; e  
 nem era uma coroa de verdade, e sim um desses diade-  
 mas; e, como eu disse, ele o recusou na hora; mas, ape-  
 sar disso, se querem minha opinião, acho que desejava  
 aceitar. Então, Antônio ofereceu o diadema outra vez;  
 e César o repeliu de novo; mas, se me perguntam, foi a  
 250 muito custo que afastou os dedos. E Antônio lhe ofere-

255       ceu pela terceira vez; e pela terceira vez ele o repeliu; e  
          a cada recusa a populaça berrava e ululava e batia as  
          palmas calejadas e atirava pra cima os gorros suados  
          e empesteava o ar com um bafio tão fedorento, ao ver  
          César recusando a coroa, que o próprio César quase  
260       morreu sufocado; pois ele acabou desmaiando e caiu  
          em cima da oferenda. E, de minha parte, não me atrevi  
          a rir, por medo de abrir os lábios e engolir a fedentina.

CÁSSIO Espera. O que disseste? César desmaiou?

265       CASCA Caiu no meio do mercado, espumando pela boca,  
          sem conseguir falar.

BRUTO Faz sentido; ele tem o mal da queda.

CÁSSIO Não é César quem sofre desse mal:

          Somos nós dois e o nosso amigo Casca;  
          Nós todos somos homens decaídos.

270       CASCA Não sei o que queres dizer com isso; mas posso ga-  
          rantir que César caiu, sim. E juro, em nome de minha  
          honra, que a chusma de vagabundos às vezes aplaudia e  
          às vezes vaiava, conforme ele os agradasse ou desagra-  
          dasse, como costumam fazer com os atores no teatro.

275       BRUTO E o que César lhes disse, ao despertar?

280       CASCA Pois veja só: pouco antes de cair, percebendo que o  
          rebanho de maltrapilhos se alegrara aovê-lo recusar a  
          coroa, César inventou de abrir o gibão e oferecer a pró-  
          pria garganta para que o povo a cortasse. Se eu fosse um  
          homem da plebe, garanto que teria realizado ali mesmo  
          o seu desejo e, se estou mentindo, que minha alma vá  
          pro inferno dos patifes. E então ele caiu. Ao recuperar  
          os sentidos, disse que, se acaso havia feito ou dito algo  
          de errado, suas senhorias deveriam colocar o deslize na  
          conta da enfermidade. Três ou quatro garotas, bem perto  
          de mim, exclamaram: “Ah, pobre alma!” e o perdoaram  
          de todo o coração; mas a opinião dessa gente não tem  
          importância; se César tivesse cravado ferro na mãe delas,  
          as duas teriam dito a mesma coisa.

290       BRUTO E então se retirou, aborrecido?

CASCA Sim.

CÁSSIO E Cícero disse alguma coisa?

CASCA Sim, falou em grego.

CÁSSIO E o que ele disse?

295 CASCA Bem, se eu responder, estarei contando uma mentira deslavada; é bem verdade que algumas pessoas entenderam as palavras de Cícero e trocaram sorrisos e assentiram com a cabeça; mas para mim era tudo grego. Posso lhes contar outra notícia, também: por arrancar os paramentos às imagens de César, Marulo e Flávio foram reduzidos ao silêncio. E, se me dão licença, adeus. Aconteceram outras tolices, mas não consigo lembrar de tudo.

CÁSSIO Que tal jantar comigo hoje, Casca?

305 CASCA Hoje não posso; tenho um compromisso.

CÁSSIO Que tal jantarmos amanhã, então?

CASCA Nada nos impede, se eu estiver vivo até lá, se não mudares de ideia, e se o teu jantar não for intragável.

CÁSSIO Ótimo: vou te esperar.

310 CASCA Muito bem. Até mais ver.

*Sai.*

BRUTO Como ficou grotesco, esse sujeito!

Sua mente era aguçada, quando jovem.

CÁSSIO Ele ainda é aguçado e corajoso

Na execução de um ato ousado e nobre,

315 Embora vista esse disfarce obtuso.

Sua rudeza picante é feito um molho

Que tempera um espírito atilado,

Tornando suas palavras digeríveis

E abrindo o apetite em quem escuta.

320 BRUTO Tens razão. Bem, agora vou partir.

Amanhã, se quiseres conversar,

Irei à tua casa; ou, se preferes,

Vem tu à minha. Fico à tua espera.

CÁSSIO Farei isso. Até lá, pensa no mundo.

*Sai Bruto.*

325      A tua alma é nobre, Bruto, mas percebo  
          Que esse metal precioso pode ser moldado  
          Perdendo a forma original: melhor, portanto,  
          Que as almas nobres andem só com seus iguais;  
          Quem é tão firme que não possa ser dobrado?  
330      César não me suporta, eu sei; mas ama Bruto.  
          Se eu fosse Bruto agora e se ele fosse Cássio,  
          Nenhuma adulação me ganharia. À noite,  
          Em sua janela, simulando mãos variadas,  
          Como se cidadãos diversos escrevessem,  
335      Jogarei notas, descrevendo a alta estima  
          Que o nome Bruto goza em Roma e sugerindo  
          Veladamente o medo às ambições de César.  
          E então aguarda, César, sobre o trono brando:  
          Vamos te derrubar, ou perecer tentando.

*Sai.*